

Estudo Teórico

Luto antecipatório: implicações e percepções culturais**Anticipatory mourning: implications and cultural perceptions****El duelo anticipado: implicaciones y percepciones culturales**Tania Maria Cemin¹ Pâmela Einsfeld² ¹Autora para correspondência. Universidade de Caxias do Sul (Caxias do Sul). Rio Grande do Sul, Brasil. tmcwagne@ucs.br²Universidade de Caxias do Sul (Caxias do Sul). Rio Grande do Sul, Brasil. pamelaeinsfeld@gmail.com

RESUMO | INTRODUÇÃO: A elaboração de um luto antecipatório pode ser determinada por diferentes variáveis, sendo manifestada e vivenciada de forma única para cada indivíduo. Há fatores pessoais, sociais e culturais envolvidos no processo de elaboração de uma perda. **OBJETIVO:** Identificar possíveis implicações em um luto antecipatório, frente às diferentes percepções da morte. **MÉTODO:** Realizou-se um estudo qualitativo, de cunho exploratório e interpretativo. Como forma de ilustrar e discutir aspectos teóricos, selecionou-se recortes de cenas do filme *Pronta para amar*, os quais foram agrupados em categorias que envolvem: o contexto em que a personagem estava inserida no período anterior ao adoecimento; manifestações apresentadas por ela durante a elaboração de sua morte; o processo de aceitação; e as diferentes percepções das pessoas do seu convívio acerca da aproximação da sua morte. **RESULTADOS:** A partir da estratégia de emparelhamento, relacionou-se as categorias propostas com aspectos teóricos, enfatizando possíveis implicações de um luto antecipatório, frente às percepções que se manifestam. Considera-se que a elaboração de um luto será afetada, então, principalmente a partir das variáveis envolvidas no processo de morte, vínculo e características individuais do enlutado, não apresentando um padrão para sua resolução. **CONCLUSÃO:** Da mesma forma, o luto antecipatório é multideterminado, podendo apresentar benefícios ou não ao enlutado, a partir dos recursos que este dispõe.

PALAVRAS-CHAVE: Luto antecipatório. Morte. Psicanálise.

ABSTRACT | INTRODUCTION: The elaboration of an anticipatory mourning can be determined by different variables, being manifested and experienced in a unique way for each individual. There are personal, social and cultural factors involved in the process of elaborating a loss. **OBJECTIVE:** Identify possible implications for anticipatory mourning, given the different perceptions of death. **METHODS:** A qualitative, exploratory and interpretive study was carried out. As a way of illustrating and discussing theoretical aspects, clippings of scenes from the movie *A Little Bit of Heaven* were selected, which were grouped into categories that involve: the context in which the character was inserted in the period prior to the illness; manifestations presented by her during the elaboration of her death; the acceptance process; and the different perceptions of people around her about her approaching death. **RESULTS:** From the matching strategy, the proposed categories were related to theoretical aspects, emphasizing possible implications of an anticipatory mourning, given the perceptions that are manifested. It is considered that the elaboration of mourning will be affected, then, mainly from the variables involved in the death process, bond and individual characteristics of the mourner, not presenting a standard for its resolution. **CONCLUSION:** Likewise, anticipatory mourning is multi-determined, and it may or may not present benefits to the bereaved, based on the resources available to them.

KEYWORDS: Anticipatory mourning. Death. Psychoanalysis.

Submetido 02/09/2021, Aceito 31/08/2022, Publicado 10/11/22

Rev. Psicol. Divers. Saúde, Salvador, 2022;11:e4074

<http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.2022.e4074>

ISSN: 2317-3394

Editoras responsáveis: Mônica Daltró, Marilda Castelar

Como citar este artigo: Cemin, T. M., & Einsfeld, P. (2022). Luto antecipatório: implicações e percepções culturais. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 11, e4074. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.2022.e4074>



RESUMEN | INTRODUCCIÓN: La elaboración de un duelo anticipado puede estar determinada por diferentes variables, siendo manifestado y experimentado de forma única para cada individuo. Hay factores personales, sociales y culturales involucrados en el proceso de superar una pérdida. **OBJETIVO:** Identificar posibles implicaciones para el duelo anticipado, dadas las diferentes percepciones de la muerte. **MÉTODO:** Se realizó un estudio cualitativo, exploratorio e interpretativo. Como forma de ilustrar y discutir aspectos teóricos, fueron seleccionados recortes de escenas de la película *A Little Bit of Heaven*, que fueron agrupados en categorías que involucran: el contexto en el que se insertó el personaje en el período anterior a la enfermedad; manifestaciones presentadas por ella durante la elaboración de su muerte; el proceso de aceptación; y las diferentes percepciones de las personas de su entorno, sobre la proximidad de su muerte. **RESULTADOS:** A partir de la estrategia de emparejamiento, las categorías propuestas se relacionaron con aspectos teóricos, destacando posibles implicaciones de un duelo anticipado, frente a las percepciones que se manifiestan. Se considera que la elaboración de un duelo se realizará, entonces, principalmente a partir de las variables que intervienen en el proceso de muerte, vínculo y características individuales de los dolientes, no presentando un patrón para su resolución. **CONCLUSIÓN:** Del mismo modo, el duelo anticipado es multideterminado y puede o no presentar beneficios para los dolientes, según los recursos disponibles para ellos.

PALABRAS CLAVE: Duelo anticipado. Muerte. Psicoanálisis.

Introdução

Considerando a importância de abordar temas que ainda são apontados como tabus em nossa sociedade, compreende-se que falar sobre morte e luto ainda vem sendo um dos assuntos mais conjurados atualmente, mesmo sendo compreendido como um momento esperado do ciclo vital e, principalmente nesse momento, tão presente em nossas vidas diante da pandemia da Covid-19. [Rente e Merhy \(2020\)](#) realizaram um estudo que visa propor uma reflexão sobre a importância da vivência dos processos de luto, de forma coletiva, e que estão interditados pelas precauções sanitárias decorrentes da pandemia. Apontam a carência de rituais na cultura contemporânea como vivências traumáticas que acentuam conflitos intrapsíquicos, interpessoais e estruturais. Também consideram a hipótese de que o luto, quando em elaboração coletiva, pode promover a resolução desses traumas/ conflitos, a partir de espaços de escuta segura, no sentido de acolher as dores das perdas, de forma empática e sensível, repercutindo na potencialização do cuidado comunitário.

Para cada cultura, o processo de morrer é concebido de forma única, com significados que permitem a cada grupo elaborar e compreender este momento, podendo usar símbolos e/ou rituais como parte do processo. No que se refere à nossa sociedade ocidental atual, entende-se que as simbologias grupais estão se esvaindo, tornando cada vez mais individual a vivência do luto, além de negligenciar possíveis sentimentos que emergem nos envolvidos neste momento ([Giacomin, Santos & Firmo, 2013](#)).

Diante disso, pensa-se no processo de luto pelas perdas consequentes da pandemia, uma vez que estas também estão se apresentando de forma muito solitária e geralmente antecipada, pelas incertezas que ainda permeiam a doença e seus agravos, mas também pela ruptura com o mundo que antes era conhecido. Pode-se considerar que falta algo nas despedidas, visto que não é possível estabelecer contatos e rituais da mesma forma.

Luto e luto antecipatório: conceituação

Em se tratando de luto, [Fernandes et al. \(2016\)](#) ressaltam que a intervenção do psicólogo se faz extremamente importante em função das possíveis reações que o processo pode estabelecer e emergir no paciente e na rede de apoio, assim sendo necessário que este possa estar apto a conduzir tais estados de possível angústia e sensação de fracasso, que colocam os indivíduos frente ao significado de sua existência, respeitando e preservando suas relações e os valores socioculturais envolvidos no processo de morte e luto.

Para [Kübler-Ross \(1998\)](#), o luto antecipatório pode ser caracterizado por um contexto específico, em que há o envolvimento de uma doença. E, adentrar em um luto antecipatório, muitas vezes evidencia resistência em função das crenças e percepções pré-estabelecidas culturalmente ao longo dos anos. Essa percepção pode envolver uma não aceitação da morte de um ente ou pessoa próxima, como resultado de tais imposições da sociedade, acarretando em lutos complicados e outras prováveis consequências emocionais e psíquicas para aqueles que ficam.

Desta forma, o presente estudo busca caracterizar o conceito de luto, privilegiando o luto antecipatório, e identificar possíveis implicações de um luto antecipatório frente às diferentes percepções das pessoas acerca da morte. Com base nisso, pretende-se traçar possíveis relações entre o luto e tais percepções culturais acerca da morte.

Quanto à conceitualização do luto, é importante considerar que a morte é compreendida, ainda, relacionada a aspectos negativos, geralmente associados a um horror e/ou temor. O que vem sendo modificado, com o tempo, é a forma de conviver e lidar com a morte (Kübler-Ross, 1998). Apesar da consciência de que as pessoas morrem, ainda há crenças e comportamentos no sentido de pressupor a imortalidade do ser humano. Assim, apenas quando há uma perda significativa coloca-se em questão a ideia de viver para sempre, e só então é possível aceitar que possa ocorrer uma próxima morte (Parkes, 2009).

Para Kovács (1992), desde os primeiros meses de vida a morte se faz presente. As primeiras ausências, o entendimento de que a mãe não é onipresente para o bebê, são concebidas como uma representação da morte pela perda e separação da mãe. Esta experiência tem como consequência a sensação de desamparo, ao mesmo tempo em que esta mãe é acolhedora e transmite conforto. As vivências de morte, então, são experienciadas ao longo de todo o desenvolvimento, alterando apenas as formas com que se apresentam em cada fase do ciclo vital.

O processo de luto, para Freud (1917/1974), é definido como a reação frente à perda de um objeto de amor. Esse objeto amado passa a não existir mais e o ego dedica-se exclusivamente à perda, na tarefa de desistir dos investimentos em relação a esse objeto, libertando sua libido para com ele e permitindo que este seja compreendido como morto, assim fornecendo incentivo para continuar a viver e superar essa perda. O autor estabelece, também, semelhanças entre luto e melancolia - uma disposição patológica -, pontuando aspectos como a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar e a inibição de toda e qualquer atividade. Na melancolia, porém, acrescenta-se o aspecto da diminuição acentuada da autoestima, que não ocorre de forma tão intensa no luto. Assim, a perda de interesse pelo mundo externo acaba gerando uma necessidade de substituição do objeto perdido, visto que o enlutado passa a vivenciar um mundo desconhecido,

necessitando ajustar-se a esse novo ambiente e a si mesmo neste novo momento, sem a pessoa amada.

Klein (1940/1996), ao apresentar as relações do luto com o desenvolvimento da posição depressiva, considera a relação que este tem com os processos mais antigos da mente, em que o luto arcaico, envolvido no processo de desmame, passa a ser evocado ao longo de todas as perdas vividas posteriormente. Os sentimentos depressivos no bebê atingem seu auge no desenvolvimento do processo de desmame, caracterizando um momento importante da posição depressiva. É o seio da mãe, juntamente com suas representações, que desencadeiam o luto, à medida que o bebê compreende que perdeu todas essas representações. Assim, a criança sente preocupação e pesar pela perda dos objetos “bons”, que serão superados desde que haja um desenvolvimento satisfatório.

Worden (2013) identifica que a concepção da vivência do luto como singular a cada indivíduo ainda não é bem estabelecida. Os processos a serem realizados ao longo do luto, apesar de semelhantes, são experiências pessoais e únicas, assim como a forma com que o sujeito se adapta a esses processos e suas variáveis, podendo a adaptação frente à perda se dar de melhor forma para algumas pessoas do que para outras.

Kübler-Ross (1998) aborda o processo de luto por meio de cinco estágios: 1) negação, marcado pelo isolamento e outras formas de defesa, possibilitando que o paciente se recupere, em seu tempo; 2) raiva, em que a negação é substituída por sentimentos de revolta, além de ser muito marcado pela pergunta: “por que eu?”(esse estágio é mais difícil de lidar do que o anterior, por ser permeado de queixas de tudo e todos, como uma forma de lidar com as interrupções abruptas e vivências inacabadas que vem sofrendo); 3) barganha, que se dá como uma tentativa de estabelecer um adiamento da morte através de promessas, buscando alguma forma de recompensa, que exige um trabalho multidisciplinar acerca da forma com que isto impacta para o paciente; 4) depressão, que se manifesta quando não existem mais meios que permitam negar a sua doença e há um intenso sentimento de perda (neste sentido, a depressão é um instrumento para a preparação do paciente que está prestes a perder tudo e a todos que ama, como um momento de externalizar a forma como se sente, possibilitando certa elaboração); 5) aceitação, em que o paciente não sente mais raiva ou depressão em

relação ao seu quadro - no entanto, apesar de não estar permeado por sentimentos negativos, não deve ser compreendido como um momento de felicidade, e sim como um período em que a luta do paciente chega ao fim e este é capaz de encontrar certa paz e aceitação. Geralmente, nesse quinto estágio, a família necessita de ajuda e apoio, considerando que podem fornecer apenas sua presença, como certeza de que não haverá abandono para com o paciente até o fim. Neste momento, é preciso ter cuidado ao encorajar o paciente a seguir lutando, como se a aceitação fosse um sinal de desistência ou covardia. Cabe ressaltar que, em todos os estágios, além de não serem lineares, geralmente, a única coisa que persiste é a esperança, a sensação de que há um sentido ou compensação para tudo isso.

No que se refere à forma com que se lida com as perdas, [Parkes](#) (2009) apresenta a importância dos vínculos estabelecidos na infância para o processo de elaboração de um luto. Assim, o autor identifica que o impacto emocional de perdas posteriores são menores para aqueles que experienciaram as dificuldades de vínculos desorganizados, considerando as expectativas negativas que elaboraram na infância. Por outro lado, o estabelecimento de vínculos seguros na infância gera muita proteção a reações negativas, principalmente em eventos considerados traumáticos, como os lutos. Assim, sugerindo que esse indivíduo em luto não disponha de recursos emocionais para lidar, da forma esperada, com o impacto de uma perda próxima. Partindo dessa premissa, o estabelecimento de vínculos seguros possibilita sentimentos de segurança em relação ao externo, porém podendo causar maiores abalos frente a situações traumáticas.

Segundo [Kovács](#) (1992), em algumas fases do processo de luto pode haver identificação com a pessoa que morreu, podendo gerar desconforto no sujeito enlutado, ao se perceber realizando atividades que eram do gosto daquele que partiu. Outra forma de identificação que pode ocorrer com a perda é a manifestação dos sintomas da pessoa que morreu, sugerindo que esta ainda esteja presente de alguma forma. A dimensão caracterizada como patológica ou considerada esperada nestes aspectos é determinada pela frequência com que se manifestam, levando em conta, também, o grau e perda de contato com a realidade com que estes comportamentos são apresentados. O período de elaboração de um luto pode, ainda, acarretar problemas relacionados

ao sono e à alimentação, além de quadros somáticos e doenças graves após o luto. Conforme o grau de investimento na relação que existia com aquele que partiu, será concomitante a intensidade de energia necessária para desligar-se da pessoa, possibilitando dificultar sua reorganização. As circunstâncias em que se deu a perda também têm forte impacto na elaboração do luto.

Para que seja iniciado um processo de elaboração do luto é necessário identificar a importância do objeto perdido para o ego, considerando que, enquanto processo prolongado e gradual, o luto absorve energias do ego. Após determinado tempo o luto tende a ser elaborado, sendo capaz de superar a perda do objeto. Assim, apesar de ser caracterizado como um momento discrepante do que é considerado habitual na rotina das pessoas, o luto não deve ser entendido como tendo um cunho patológico, visto que esse momento doloroso é considerado um evento esperado e, quando o luto é concluído e superado, o ego passa a ser desimpedido novamente ([Freud](#), 1917/1974).

Para além do processo de luto considerado normal há, ainda, outros tipos de luto, sendo os principais deles: luto complicado, luto adiado e luto inibido, além dos lutos não reconhecidos. Assim, buscando priorizar o luto antecipatório, entende-se como necessária uma diferenciação dos demais tipos de luto.

Para [Rando](#) (1993), no luto complicado o enlutado permanece fixado e orientado para a perda e o valor da vida passa a ser dimensionado demasiadamente a partir do passado, apresentando certa inabilidade para o ajuste das mudanças e movimentos de renovação. Pode acarretar em sintomas físicos, limitações no funcionamento e desordens em outras dimensões da vida (familiar, profissional, etc). A autora apresenta, também, outras especificidades do luto complicado, podendo este se desenvolver como um luto adiado, em que o enlutado prorroga entrar em contato com a perda, por razões conscientes ou inconscientes. O indivíduo busca dar conta de outras demandas sobrepostas à perda, por diferentes motivos, desde a inexistência de uma rede de apoio, até a falta de condições para administrar o processo de luto. Ou, ainda, o luto inibido, em que não há a pretensão de entrar em contato com a perda em qualquer momento. No luto não reconhecido, segundo [Worden](#) (2013), tais perdas não são aprovadas no meio social, não sendo reconhecidas publicamente. Assim, o enlutado geralmente passa a ser banido dos rituais de despedida.

Em se tratando do luto antecipatório, o termo foi usado pela primeira vez por Lindemann, no ano de 1944, para definir uma reação de pesar pela existência de uma ameaça de morte, gerada por uma experiência de separação, com base em experiências de esposas de soldados convocados para batalhas (Fonseca, 2001; Fonseca, 2004; Aguiar, 2005; citados por Santos, Yamamoto & Custódio, 2017).

Conforme a família tem oportunidade de manter-se presente e acompanhar o adoecimento junto com o paciente, o luto antecipatório é capaz de prover tempo para elaborar a perda, possibilitando que sejam finalizadas pendências – subjetivas ou concretas – entre paciente e família. Assim, considera-se que o enfrentamento da perda é beneficiado pela elaboração do luto com antecedência (Kovács, 1992). Mas o período anterior à morte também pode levar os familiares a preocupar-se com o futuro e a nova vida, gerando estresse e deixando de incluir o paciente na tomada de decisões (Rodríguez, 2014).

Segundo Santos et al. (2017), o processo de luto antecipatório, quando bem sucedido, pode acarretar em maturidade para o indivíduo, considerando que, mesmo no luto que se desenvolve como esperado, há um intenso esforço para adaptar-se à nova realidade, exigindo do indivíduo mecanismos adaptativos que o permitam se reajustar frente à perda. Assim, na maioria dos casos consegue-se alcançar uma resolução a partir da aceitação das novas condições em que se vive. Relacionando, também, aos estágios do luto desenvolvidos por Kübler-Ross (1998), a aceitação permite ao enlutado perceber, de fato, a realidade que está vivenciando, podendo considerar e conceber sua vida sem o ente, ao alcançar uma reestruturação racional e emocional. Porém, identifica-se que há, também, fatores impeditivos na resolução do luto que podem gerar o desenvolvimento de um luto complicado e, conseqüentemente, a possível não resolução do processo de forma saudável.

O luto antecipatório é considerado tanto para quem permanece e está prestes a perder um ente querido, como para aquele que irá partir, perdendo todos os vínculos estabelecidos em vida, de uma só vez. A antecipação destas perdas pode levar a um isolamento e afastamento do indivíduo, para lidar com a situação. Outro problema do luto antecipatório é sua duração indeterminada, uma vez que, quando muito longo, o enlutado pode isolar-se emocionalmente, gerando conseqüências no relacionamento

com a pessoa que irá partir, pelo distanciamento. Em contrapartida, também pode gerar uma aproximação exacerbada, buscando evitar sentimentos de culpa gerados por uma ambivalência do enlutado em relação à pessoa que está morrendo, cuidando excessivamente do paciente, causando até mesmo dificuldades para a equipe de saúde (Worden, 2013).

Em se tratando das implicações no luto posterior à perda, quando há também a possibilidade de um luto antecipatório, os estudos ainda variam. Alguns apontam uma significativa melhora ao lidar com a perda em pessoas que tiveram esse anúncio da aproximação da morte, enquanto outros não apresentam as mesmas conclusões, identificando que o luto antecipatório não é um facilitador para o enfrentamento do luto. Com base nisto, é preciso retomar o fato de que o luto é multideterminado, ou seja, mediado por diversos fatores, podendo contribuir na forma com que se dará o luto, não devendo ser analisada apenas a variável da oportunidade de elaborar um luto pré-morte (Worden, 2013).

Cabe ressaltar, ainda, o que é apresentado por Santos et al. (2017, p. 14) acerca do fim de um processo de elaboração de um luto

Torna-se importante salientar de que não há um “fim do luto”. O que existe, é o final de um processo de elaboração. Esse momento pode ser percebido quando o enlutado já consegue fazer planos sem a pessoa que morreu, por exemplo, dando uma continuidade à sua vida, podendo pensar de forma menos dolorosa no ente perdido, sem os sintomas físicos e comportamentais do luto, superando muitas vezes o sentimento de culpa que vem acompanhando o indivíduo durante o processo.

Percepções culturais acerca da morte e suas relações com luto antecipatório

Cada cultura estabelece uma compreensão e conceitualização acerca do que é estabelecido como doença e saúde, ressaltando que essa organização acerca dos conceitos não é universal. A partir das classificações de doenças de cada cultura, são estabelecidos diagnósticos e, posteriormente, formas de tratamento, fornecendo teorias etiológicas acerca de cada grupo em específico (Langdon & Wiik, 2010).

Cada religião e filosofia, desde sempre, buscou uma explicação sobre a origem e o destino do homem.

Cada indivíduo, a partir de suas vivências e tradições perpetuadas culturalmente, estabelece uma representação da morte para si, atribuindo características e formas a ela. Existem registros, desde o tempo das cavernas, representando a morte como uma perda e uma ruptura, mas também como um fascínio e uma possibilidade de descanso. Apesar das representações internalizadas em cada indivíduo acerca da finitude da vida, o homem sempre buscou a imortalidade, que através de simbolismos tenta vencer a morte ao matar monstros (Kovács, 1992). Ainda segundo a mesma autora, existem fatores sociais que têm dificultado o processo de elaboração do luto. A sociedade censura a expressão de sentimentos, associando a dor da perda à fraqueza. Com isso, os próprios rituais têm sido marcados por uma ocultação da morte, perdendo o seu sentido de conforto aos enlutados. Além da relação entre cultura e morte, como condição da existência humana, outro fator que deve ser considerado socialmente são as concepções sobre as diferentes causas de morte. Cada tipo de morte, em específico, causa um impacto diferente em cada cultura e, em consequência, na forma como o luto será vivenciado (Freitas, 2013).

Ao estudar culturas e povos antigos, compreende-se que o homem tendeu a repugnar a morte, o que provavelmente continuará acontecendo. Isso porque no inconsciente a própria morte é inconcebível, e, se chegar a ocorrer, apenas poderá ser justificada por uma ação maligna, e não por qualquer causa natural. A morte é percebida como muito solitária e mecânica, sendo um dos aspectos que repelem os indivíduos de encará-la como processo natural. Há, ainda, a contribuição do avanço das tecnologias para o crescente medo de destruição e, por consequência, da morte. Esse crescente medo da morte, assim como da falta de controle que se tem sobre ela, é percebido sob o ponto de vista psicológico como uma forma do homem se defender, negando a realidade de sua própria morte por determinado tempo. É impossível pensar acerca da própria morte enquanto se acredita na imortalidade (Kübler-Ross, 1998).

A elaboração de um luto inclui questões biopsicossociais, mas, também, fatores socioculturais, tendo forte impacto nesse processo, geralmente no sentido de dificultá-lo. Cada vez mais as pessoas têm negado a morte em função de um terror que ela propaga, além da falta de rituais que auxiliem na elaboração do luto. O auxílio e escuta por parte da equipe de profissionais

da saúde são de extrema importância, mas também escassos. Permitir a expressão de sentimentos é fundamental para desenvolver e possibilitar a elaboração de um luto. Porém, até mesmo as manifestações acerca da perda sofreram alterações, distinguindo-se em cada cultura, por suas características próprias sobre como a morte deve ser enfrentada, assim como manejos e rituais necessários (Kovács, 1992).

Kovács (1992) apresenta que todas as culturas compreendem a morte de forma diferente, elaborando também formas variadas de combater sua intrusão, por meio de ritos, símbolos e cerimônias. Mas também são os ritos que estabelecem um sentido enquanto facilitador da elaboração do luto. Para Freitas (2013), eles são uma forma de restaurar a ordem impactada pela morte, com todos os sentimentos e estigmas que envolve. E, tanto para a antropologia quanto para a psicologia, a morte física não é suficiente para que a morte seja consumada de fato. A morte se transformou em tabu, em meados do século XIX, quando a família passou a esconder a gravidade do estado do doente, na tentativa de poupá-lo. Já no século XX, com os avanços na ciência, busca-se prolongar a vida ao máximo. Ainda que o paciente necessite de hospitalização e aparelhos para continuar vivendo, não lhe é dado, também, o direito à morte. Os ritos ocorrem no sentido de ocultar e neutralizar tudo que remeta à morte. Assim, há implicações, inclusive, na forma com que se compreende e elabora o luto, cada vez mais percebido como proibitivo, passa-se a ter uma concepção de experiência patológica. A expressão de sentimentos cada vez menos, tem obtido lugar na cultura, sendo compreendida como uma perda de controle emocional, que por sua vez não é apropriada. Essa anulação aos ritos da sociedade pode acarretar em dificuldades para que o enlutado vivencie o luto e, portanto, não consiga estabelecer uma resignificação da perda e de sua vida.

Por isso, as atitudes frente à elaboração de um luto partem da experiência de cada um e suas características de personalidade, não existindo um único padrão na forma de elaborar a morte em qualquer idade.

Método

Para a realização deste estudo, optou-se por uma pesquisa bibliográfica qualitativa, desenvolvida a

partir de um delineamento do tipo exploratório e interpretativo, através da busca por conteúdos que envolvem o processo de luto, privilegiando o luto antecipatório e as percepções culturais acerca da temática. Foi realizada uma análise de conteúdo de [Laville](#) e Dionne (1999), a partir de recortes de cenas do filme *Pronta para amar*, dirigido por Nicole [Kassel](#) (2011), que ilustra o processo de elaboração de um luto antecipatório, decorrente do descobrimento de um câncer em estágio terminal. O filme relata a história de Marley Corbett (Kate Hudson), uma mulher independente que vive o auge de sua carreira profissional, desinibida e bem humorada, mas que tem extrema dificuldade para se envolver em relacionamentos afetivos. A jovem, ao realizar alguns exames, é diagnosticada com câncer de cólon. Marley se mostra decidida a encarar o diagnóstico, possibilitando a elaboração de um luto antecipatório, tanto para ela lidar com suas perdas durante o avanço da doença, como também para sua rede de apoio. Isso envolve, em determinado momento, a desistência da tentativa de tratamento que vinha realizando, ao perceber o sofrimento que este lhe causava. Neste sentido, foram utilizados recortes de cenas do filme, agrupados em categorias, definidas *a posteriori*, seguindo o modelo aberto. Para tanto, assistiu-se o filme várias vezes, realizou-se uma seleção de cenas que foram descritas e posteriormente agrupadas, emergindo as categorias de análise a partir desse agrupamento por assunto/temática abordada. Utilizando-se, ainda, a estratégia de emparelhamento, proposta por [Laville](#) e Dionne (1999) para a realização da discussão dessas categorias. Essa estratégia refere-se a associar os dados recolhidos a um modelo teórico com a finalidade de compará-los. Também, supõe a presença de uma teoria sobre a qual o pesquisador apoia-se para imaginar um modelo do fenômeno ou da situação em estudo.

Resultados e Discussão

Os resultados dessa seleção integram vivências de elaboração de um luto, tanto para a pessoa que irá morrer quanto para quem permanece, compreendendo o papel do luto antecipatório nesse processo. As categorias definidas foram: (I) Contexto, (II) Manifestações de preparação para sua morte, (III) Processo de aceitação, (IV) Percepções das pessoas com quem Marley convive - subcategorias: mãe, pai, amigos.

Inicia-se com a discussão da categoria referente ao contexto em que Marley estava inserida até o momento em que recebe seu diagnóstico. Marley está em um bar, com os amigos, comemorando sua apresentação no emprego, que gera reconhecimento a ela em seu departamento, pelo aumento de salário. Neste momento eles bebem, jantam, falam sobre as possibilidades de Marley com a nova condição financeira. Uma noite de muitas risadas, com a revelação de que Renee (amiga) está grávida novamente, encerrando com uma ligação de Marley para que Doug (um parceiro) fosse até sua casa. Doug demonstra interesse em progredir na relação que os dois estabeleciam, ao que Marley recua e acaba rompendo. Marley não acreditava que o amor ou um relacionamento sério pudessem trazer qualquer benefício para ela, nunca criando vínculos duradouros com seus parceiros. Em uma confraternização com os amigos Sarah, Renee e Peter comunica sobre seu diagnóstico. O médico informa Marley acerca da doença e sugere que se pense o que pode ser feito. Marley questiona sobre a possibilidade de remover o tumor, mas, considerando que este já vinha se espalhando por todo o cólon, não há chances de realizar tal procedimento. Ao informar sobre suas possibilidades, o médico comunica de forma que incomoda Marley, pelo tom de insensibilidade. Assim, ela toma um posicionamento de crítica para com o médico Julian, usando de ironia e grosseria para repreendê-lo acerca da forma com que noticiou um diagnóstico de tamanha gravidade. Marley não consegue falar sobre a morte neste momento, censurando apenas o uso da “palavra com M” pelo médico; o que também justifica sua irritação com Julian.

É importante pontuar o momento de vida que uma pessoa está ao receber o diagnóstico de uma doença, considerando que o adoecimento traz perdas e limitações. Marley teria que se afastar do emprego, não estabeleceria mais contato com parceiros, além da perda da saúde como um todo. [Worden](#) (2013) apresenta alguns fatores que podem influenciar na elaboração de um luto, incluindo a forma com que a pessoa morreu, por adoecimento ou repentinamente, se houve sofrimento, entre outros. No caso de Marley, há o adoecimento de uma jovem mulher, independente - financeira e emocionalmente -, com muitos objetivos e desejos para sua vida, fatores que podem dificultar a aceitação da aproximação de sua morte.

Ao longo do processo de adoecimento de Marley, é possível perceber algumas Manifestações de preparação para sua morte, como em um momento posterior ao diagnóstico, quando Marley é informada pelo chefe que tem direito a um seguro em função de sua doença. Nesta cena, então, ao receber o valor desse benefício, Marley leva a mãe e os amigos para o shopping, não desejando comprar nada novo para si, mas para eles. Inicialmente, entende-se que este é um momento de descontração, onde todos parecem estar se divertindo com Marley, que também demonstra estabelecer ali um instante de qualidade de vida para si, fazendo algo pelas pessoas que gosta. A mãe de Marley tenta convencê-la a fazer compras para si também, comentando que todas suas roupas têm ficado largas e que Marley poderia vir a se sentir melhor com coisas novas, ao que ela reage de forma muito grosseira em sua fala, verbalizando que a mãe não consegue enfrentar a realidade de sua doença e o fato de não estar ocorrendo progressos no tratamento. Assim, apesar das tentativas de mostrar-se forte diante da situação, facilmente Marley se desestabiliza. Marley passa a reagir com frequência de forma verbalmente agressiva com pessoas de seu convívio, sugerindo o desejo de afastá-las de alguma forma, isolando-se. Em uma visita a um zoológico, com a filha de Renee, Marley sai de casa e deixa Julian (médico/namorado) dormindo, sem avisá-lo. Confuso com a situação, Julian procura Marley, que reage com certa repulsa, questionando-o acerca do tipo de pessoa que se apaixona por alguém que está morrendo. Faz isso repetidas vezes pedindo que ele a deixe em paz. Conforme Julian tenta se aproximar e, até, desculpar-se, parece fazer a raiva de Marley aumentar. Assim, ela o deixa ali e leva Cammie para casa. Ao chegar na casa de Renee, percebe que há outras mulheres lá, conversando e rindo. Neste momento, passa a falar de forma irônica com a amiga, reforçando não ter uma doença contagiosa, para deixar de ser convidada. Após isso, Marley aparece de pijamas, andando de bicicleta enquanto bebe uma garrafa, embriagada. Ela anda de forma desgovernada no meio da rua, enquanto carros tentam trafegar, buzinando para ela, que responde de forma agressiva e com palavrões.

Segundo [Worden](#) (2013), é importante considerar que o luto antecipatório não abrange apenas quem permanece após uma perda, mas também a própria pessoa que irá morrer. Frente a isso, entende-se que o indivíduo, em ambas as situações, passa por

diferentes momentos e reações, até ocorrer uma elaboração do diagnóstico. Dentre as possíveis manifestações, pode haver um afastamento da pessoa, como forma de defesa. A atitude de isolar-se das pessoas próximas é percebida, ao longo do filme, por exemplo, nas reações agressivas, em que Marley ironiza fatos vivenciados pelas pessoas com quem convive. Isso se manifesta como uma possível estratégia de fuga da realidade da doença. Tais comportamentos podem ser relacionados a reações esperadas em determinados momentos de um luto. A pessoa que irá morrer tende a buscar diminuir o seu sofrimento e de sua rede de apoio, afastando-se, assim como pode desejar adiar o enfrentamento das perdas que ela mesma terá no momento em que partir, todas de uma só vez.

[Kovács](#) (1992) apresenta, em seus estudos, fatores sociais que podem dificultar a elaboração do luto, como a falta de expressão dos sentimentos, sendo a morte um assunto que carrega um cunho proibitivo, velado. Com o avanço do quadro clínico de Marley, Julian tenta incentivar que ela fale sobre o que sentia, podendo compartilhar com ele possíveis medos e angústias diante do que estava enfrentando. Mas, inicialmente, esse comportamento a afastava ainda mais, já que não conseguia expressar sua vivência de outra forma que não verbalmente sarcástica ou agressiva, parecendo não conseguir estabelecer um diálogo com qualquer pessoa. Estudos de [Kübler-Ross](#) (1998) se alinham ao identificar que a morte está sendo vivenciada de forma muito solitária e todas as maneiras com que o indivíduo busca negar a realidade da própria morte são entendidas como defesa. Tais comportamentos são manifestados por Marley nas tentativas de afastar as pessoas com quem estabelece algum vínculo. Ela acaba criticando comportamentos como o da mãe, que invade seu espaço; atitudes de Renee, por deixar de incluí-la em encontros que realizou; reforça o distanciamento com o pai ao ignorar suas tentativas de reaproximação. Portanto, pode-se pensar nesses movimentos, entendidos como possíveis estratégias, como um estágio que deve ser vivenciado por Marley, para a elaboração da sua própria morte. A fuga da realidade que tem vivenciado com o adoecimento e suas consequências também é representada ao colocar-se em risco, dirigindo embriagada no meio da rua, entre os carros, possibilitando compreender que, após afastar as pessoas, parece desejar afastar-se de si mesma. É possível supor que este seja o momento em que ela

se dá conta das perdas que terá com a própria morte, das coisas que ainda gostaria de vivenciar e do tempo que desejaria ter para isso, manifestando, através da raiva e atitudes inconsequentes, sua insatisfação com o adoecimento, morte e perdas envolvidas.

Como marcadores desse Processo de aceitação, apresenta-se o momento em que Marley e Julian fazem um passeio, após uma festa de médicos e pacientes. Ali, Marley questiona Julian sobre suas crenças, ao que ele coloca sua opinião profissional e pessoal e, em seguida, retorna a pergunta para ela. Marley confessa invejar quem crê em algo, pontuando ser uma ótima forma de viver sem tantos medos. A partir desse diálogo, Julian passa a incentivar que ela fale de seus medos, preocupações, ao que Marley remete – mesmo que indiretamente – à sua morte e aqueles que ficam quando isso acontecer. Marley fala sobre sua mãe, seu cachorro, os cuidados com eles e, por último, expressa sua vontade de beijá-lo; eles passam a viver um romance. Ao conseguir falar sobre sua vivência, Marley também passa a priorizar sua qualidade de vida, abandonando o tratamento, pela falta de progressos do quadro. Após o momento em que ela e Julian voam de asa delta - sonho de Marley realizado por um sorteio na rádio -, lanchando em um parque, Marley externaliza suas preocupações com o bem-estar e planejamento das pessoas próximas para após a sua morte. Nesta situação, Marley, que costumava ser resistente em relação aos seus sentimentos e conversas com seriedade, instiga que Julian pense/fale acerca do que fará quando ela partir, como forma de saber que ele ficará bem; mas, também, para Marley tranquilizar a si mesma frente a aproximação de sua morte. Ela faz algo parecido em seus últimos momentos de vida, quando está ao ar livre com Sarah. Marley questiona sobre como a amiga está se sentindo, após perceber que não havia se preocupado com os sentimentos experienciados pelas outras pessoas desde que adoeceu, incentivando que Sarah também pudesse falar, ao que ela remete não estar bem e questionando o porquê Marley aceita morrer.

Antes desse momento, quando Marley andava de bicicleta bêbada, sofreu um acidente, batendo em um carro. Ficou inconsciente por alguns instantes e, nesse momento, ela vai para o “céu”, achando estar morta. Mas ela acorda, disposta a retomar seus vínculos e viver o amor que sente por Julian. Em seguida, Marley vai imediatamente ao hospital procurar por Julian, falando sobre traumas causados pela relação dos pais,

a impedindo de confiar que alguém pudesse a amar, mas sentindo-se preparada para isso no momento, com ele. Ao sair do hospital, com a mãe, Marley lembra com ela momentos de sua infância, pontuando ter sido uma filha difícil, ao que a mãe atribui como sendo o papel dos filhos. Elas mantêm uma conversa agradável, reaproximando-se também. Marley aproveita para pedir a ajuda da mãe em seu funeral, manifestando seu desejo de participar da organização; verbaliza querer uma celebração. Em casa, Marley procura Peter, relatando descontentamento em relação a alguns de seus comportamentos, mas também que sentirá imensas saudades. Eles dançam, neste momento, como forma de selar a reconciliação. O pai liga para Marley, na tentativa de poder encontrá-la para jantar, mas não conseguem manter uma conversa durante o encontro. Incomodada, ela se retira do restaurante. O pai vai atrás dela, questionando o que deve fazer nessa situação, conseguindo verbalizar que a ama e sente-se impotente diante da doença da filha, não estando ao seu alcance contorná-la. Assim, Marley e o pai conseguem reforçar o vínculo, antes tão distante. Ela também procura Renee, desculpando-se pelo seu comportamento. Renee, como já mencionado, estabelecia muita dificuldade em lidar com a situação de adoecimento de Marley, visto que está grávida. Marley concorda sobre não ser justo que Renee deva se sentir tão feliz e tão triste ao mesmo tempo. A amiga sequer consegue abrir a porta para Marley, mas isso não a impede de pedir desculpas e demonstrar compreensão para com ela.

Aguiar (2005), citado por Santos et al. (2017), pontua aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais envolvidos no processo de elaboração de um luto antecipatório, tanto para a organização de quem permanece quanto para a pessoa que irá partir. Especificamente voltando-se para o paciente, os fatores sociais estabelecem a visão que o próprio indivíduo tem acerca da sua doença e morte, como possível influência na forma com que se dará a elaboração da perda para todos os envolvidos. Percebe-se que Marley passa a ressignificar seu adoecimento e aproximação da morte, conseguindo falar sobre o que sente e buscando compreender os sentimentos que seu quadro tem provocado nas pessoas com quem convive, assim como fazendo coisas que tinha o desejo de realizar ao longo da vida, dentro do que era possível nesse momento. A partir desse novo olhar de Marley sobre o fim de sua vida, percebe-se que boa parte de seus vínculos acabam por atingir, também, uma melhor elaboração de sua partida, acompanhando-a

de forma benéfica, sem reduzi-la ao diagnóstico. O movimento de Marley, de buscar compreender o que seu adoecimento provoca em toda sua rede de apoio, acaba reaproximando-a dessas pessoas e auxiliando-os nesse processo de elaboração.

Retomando estudos de [Parkes](#) (2009), ao identificar que o impacto emocional de perdas posteriores são menores para aqueles que experienciaram as dificuldades de vínculos desorganizados, pensa-se acerca da compreensão que Marley passa a ter ao dar-se conta das expectativas negativas que elaborou na infância acerca do que poderia esperar de relacionamentos e que, portanto, poderia passar por essa situação sozinha, como havia feito até então.

Para [Rodriguez](#) (2014), cada uma das etapas e pessoas envolvidas necessitam de suporte, visto que são momentos complicados e podem ocorrer de forma muito rápida. Relacionando aos estágios do luto de [Kübler-Ross](#) (1998), não é possível estabelecer um luto antecipatório de forma genuína até ultrapassar o estágio de negação. Também, a autora pontua acerca da aceitação da realidade da morte, quando a luta cessa, caracterizado por sentimentos de paz – reforçando que não deve ser confundido com um período de felicidade. Com o abandono da tentativa de tratamento, Marley volta a viver, realizando desejos tais como voar, desculpando-se com quem se afastou, resolvendo pendências, além das tentativas de auxiliar aqueles que permanecem a organizar-se para sua partida. Na tentativa de estabelecer tais resoluções, diferentes reações são manifestadas pela sua rede de apoio, nem todas sendo receptivas a isso. É possível exemplificar quando Renee não abre a porta para ouvir seu pedido de desculpas.

Estudos de [Freitas](#) (2013) se alinham em relação à influência da cultura no luto. Por não haver espaço para a expressão de sentimentos, também dificulta a resignificação dessa vivência, até mesmo em relação à diminuição da realização de rituais. Nos momentos iniciais, Marley fala do desejo de ter uma crença mais intensa, idealizando que assim viveria com menos medos. Ao longo do seu convívio com Julian, percebe-se uma diminuição destas angústias, visto que é incentivada por ele a falar sobre o que sente e ainda deseja para si, considerando seu adoecimento e morte. A partir disso, Marley parece iniciar a elaboração da própria morte, buscando reaproximar-se de pessoas com quem tem algum vínculo, desculpar-se,

questionar sobre como tem sido para eles, além de realizar suas próprias vontades. Assim, pela forma com que Marley passa a perceber sua vivência, consegue auxiliar na elaboração da sua morte a quem está à sua volta.

Portanto, compreende-se que as Percepções das pessoas com quem Marley convive são diferentes. É possível evidenciar quando a mãe de Marley passa a estabelecer um comportamento muito protetor após a notícia do diagnóstico da filha. Ela acaba deixando de escutar Marley e compreender suas vontades, invadindo seu espaço. As duas estão na casa de Marley, onde a mãe faz um bife para a filha, enquanto fala sobre os benefícios da proteína; Marley é vegetariana. A mãe ainda questiona o porquê da filha não deixar o cachorro, sua companhia, com uma amiga, para que ela pudesse permanecer na casa de Marley, considerando que é alérgica, sem entender que esta não é a vontade da filha, preocupando-se apenas com a sua necessidade de estar presente para ela. A mãe sugere e insiste que Marley procure uma nutricionista para iniciar uma dieta macrobiótica, ao que a filha reage de forma verbalmente agressiva. Isso se apresenta, também, quando Marley está no hospital, preparando-se para o primeiro procedimento do tratamento. O médico realiza algumas marcações em seu corpo, quando a mãe vai até o leito, desejando permanecer ali durante a realização do procedimento. Dr. Sanders não permite, mas ela insiste, dizendo que irá permanecer em completo silêncio, levando Marley a gargalhar, dizendo não conseguir imaginar a mãe desta forma. Assim, a mãe se retira da sala. Quando Marley, alcoolizada, sofre o acidente de bicicleta, a mãe a busca e a leva até o hospital para que possa procurar Julian, quando reatam. Após isso, quando Marley relembra com a mãe sua infância, elas conseguem estabelecer um momento agradável. Ali, Marley compartilha seu desejo de participar da organização de seu funeral. Percebe-se o sofrimento da mãe e a carga que esse auxílio tem, mas ela se mostra disposta por Marley.

Em relação ao pai, desde o início evidencia-se um distanciamento. Até mesmo quando Marley conta sobre o diagnóstico, entende-se que o pai disponibiliza mais auxílio financeiro do que afeto para a filha. A cena mostra Marley em casa, falando pelo telefone com o pai acerca do ensaio clínico que fará, como possibilidade de tratamento, ao que ele questiona de forma crítica, compreendendo que ela será uma “cobaia”. Marley repreende o pai, verbalizando que este nunca esteve

presente para tomar decisões importantes para a família. Enquanto o pai fala, Marley desliga o telefone.

Em outro momento, quando Marley aceita jantar com o pai, ele demonstra querer ignorar o fato da filha estar doente, falando sobre outros assuntos e evitando as tentativas de Marley, que reage de forma sarcástica, fazendo piadas com referência à sua doença. Percebendo que o pai ignora suas tentativas de falar sobre a situação, como quem nega o fato, Marley fica irritada, pontuando que pode não ter outro momento para isso, visto que sua doença está em estágio terminal. O pai fica em silêncio e, diante disso, Marley se retira do restaurante. Quando Marley está entrando no táxi para ir embora, o pai vai atrás dela, questionando de forma confusa o que ele deve fazer, demonstrando pela primeira vez seus sentimentos acerca do adoecimento da filha. Ele fala sobre não saber como agir, já que não pode corrigir a doença e, por isso, não consegue conviver com ela, mesmo com a aproximação de sua morte, não sabendo lidar com essa perda. Conforme ele fala, Marley diz que, neste momento, ele fez o que precisava, falando sobre como se sentia, demonstrando amá-la e estar com ela. A partir dali, Marley e o pai conseguem estabelecer uma aproximação e convivência, criando um vínculo de fato.

Ao receber o seguro da empresa, em função do adoecimento, Marley leva a mãe e os amigos para o shopping, a fim de que comprem coisas para si. Nota-se, ao longo deste momento, que Sarah e Peter conseguem se aproximar de Marley, diante do diagnóstico, mantendo-se presentes para ela; parecem “fingir” normalidade. Sarah, em específico, aparenta ignorar a condição de Marley, como possível defesa para continuar convivendo com a amiga. Mostram-se muito contentes ao longo deste dia de compras. Mas, ainda no shopping, Renee demonstra não tolerar a gravidade do quadro de Marley, não conseguindo vê-la lidar de forma “tranquila”, fazendo brincadeiras. Assim, no momento em que Marley a chama informando que ali havia um setor infantil – considerando que Renee está grávida –, esta acaba inventando um motivo para ir embora, afastando-se cada vez mais. Pela expressão confusa de Marley, ela percebe a forma com que Renee recua e o real motivo de sua saída. Já Peter apresenta-se como a pessoa mais consciente/adequada frente ao quadro e necessidades de Marley. Após levar seu cachorro para passear, ele tenta usar de humor e piadas para

animá-la, visto que ela demonstra estar abatida, apática aos comentários do amigo. Entendendo o momento, Peter se oferece para ir até o seu apartamento preparar uma refeição que Marley gosta, respeitando seu espaço, não se tornando invasivo, mas sem negar o que está acontecendo.

Considerando o que é apresentado por [Freud](#) (1917/1974), para que o processo de elaboração de um luto inicie é necessário identificar a importância do objeto perdido para o ego. E, ainda, atentar para o fato de que, apesar de ser caracterizado como um momento discrepante, o luto não é de ordem patológica, visto que esse momento, apesar de doloroso, é considerado um evento esperado, sendo possível perceber, nas cenas descritas, o processo envolvido nessa elaboração a partir do investimento afetivo que cada um tinha em sua relação com Marley.

Relacionando com estudos de [Worden](#) (2013), pense-se, também, na variedade de sentimentos e comportamentos envolvidos no processo de elaboração de perdas, como fatores de influência, mesmo o vínculo existente entre os amigos de Marley sendo considerado semelhante, identifica-se que a vivência deste momento é individual para cada um. Nesse sentido, [Kovács](#) (1992) apresenta a importância das características de personalidade de cada sujeito, juntamente com as crenças que estabelece acerca da morte para lidar com uma perda. A intensidade do vínculo e o investimento afetivo existente na relação com a pessoa que faleceu, assim como as circunstâncias da morte, também podem auxiliar ou agravar a reorganização do enlutado. Dessa forma, é possível estabelecer algumas percepções dentre os recortes que representam a singularidade da elaboração do luto. Desde o momento em que noticia seu diagnóstico até ocorrer sua morte, de fato, são manifestadas as mais diferentes reações pelas pessoas com quem Marley convive e, até mesmo, dela própria para com eles. Enquanto alguns manifestam aspectos negativos, afastando-se ou invadindo seu espaço, a antecipação de sua morte, para outros, auxilia no processo da elaboração da sua perda, modificando tais reações ao longo de seu processo de adoecimento. A partir disso, identifica-se aspectos facilitadores existentes nesse tempo de preparo para a morte de alguém próximo, assim como, por esse período ser gerador dos mais diversos sentimentos, possibilita que também haja conflitos. Assim, considerando, ainda, o que é abordado por [Freud](#) (1917/1974), ao identificar que o luto

implica na vivência de um mundo desconhecido para o enlutado, é possível pensar na demanda existente para que cada um ajuste-se à nova realidade de aproximação da perda de alguém amado, e também a si mesmo neste novo momento e após sua partida.

A mãe de Marley, inicialmente, demonstra necessidade de estar presente na vida da filha, cuidando excessivamente e, em alguns momentos, estabelecendo uma forma de negação. Em muitos momentos parece não considerar a opinião da filha frente às decisões. Mas, no decorrer do adoecimento, percebe-se que o luto passa a ser elaborado, entendendo que há uma adaptação à aproximação da morte da filha. Isso pode ser percebido, inclusive, quando a mãe aceita o pedido da filha para participar da preparação de seu funeral. Pode-se entender que, se tratando do vínculo mãe-filha, haja um intenso sofrimento envolvido nesse suporte que a mãe fornece, mas, com essa antecipação da morte de Marley, ela parece conseguir estabelecer uma elaboração ao longo do tempo.

Já o pai, em função da relação distante que estabelecia com Marley, antes mesmo de seu adoecimento, apresenta dificuldades para lidar com o processo. Assim, ao tentar uma reaproximação com Marley, o pai parece não conceber a ideia de perder a filha, não sabendo lidar com a situação. Durante o jantar com Marley, é possível identificar o desconforto e distanciamento entre eles, pouco conseguindo conversar, geralmente havendo troca de comentários sarcásticos ou críticas. Neste momento, Marley já está elaborando a sua morte, buscando saber como as pessoas de seu convívio também estão lidando com a situação, questionando o pai, que tenta mudar de assunto, quando Marley se retira do restaurante. É diante disso que o pai consegue, então, verbalizar não saber o que fazer acerca do adoecimento e aproximação da morte da filha, pedindo sua ajuda para isso. A partir dali, o vínculo existente entre Marley e o pai parece ser intensificado, sendo que ele passa a conviver mais com ela, mantendo-se presente até sua morte.

Em relação aos amigos, reforça-se que a possível similaridade existente entre os vínculos não estabelece uma mesma forma de lidar com o adoecimento e morte de Marley. Segundo [Kovács](#) (1992), para considerar as diferentes reações manifestadas pela antecipação de uma perda, além do tipo de vínculo existente, é

preciso retomar suas características individuais, visto que cada sujeito investe energia de formas diferentes na relação. Neste sentido, é possível perceber a maneira com que Renee se afasta de Marley, por não conseguir lidar com o adoecimento da amiga, ao mesmo tempo em que está tão feliz por estar grávida novamente. Nessa situação, pode-se perceber que a antecipação da morte se tornou um gerador de estresse entre elas, dificultando a elaboração da perda da amiga. Por outro lado, é possível supor que Sarah utiliza de defesas para que tais sentimentos não impeçam de estar próxima de Marley, mantendo a amizade da mesma forma com que era vivenciada antes do adoecimento. Sarah, ainda, parece conseguir auxiliar Marley a ignorar, de alguma forma, a possível carga existente nesse momento. Assim, pode-se pensar nessa relação como sendo a que consegue se manter com menos conflitos ao longo desse período de aproximação da morte de Marley. Além das amigas, Marley também tem o auxílio de Peter que, diferente dos demais, parece ser o mais adequado frente ao seu quadro clínico. Pode-se identificar que este fornece suporte, atendendo às necessidades de Marley, sem invadir seu espaço. Peter preconiza as vontades da amiga, sem ser bajulador, compreendendo o espaço individual de Marley e seu direito de querer estar sozinha, manter-se reclusa em alguns momentos, mas mantendo-a sempre consciente de que terá seu auxílio, quando necessário. O amigo parece saber “dosar” seus cuidados, visto que leva o cachorro de Marley para passear, se oferece para cozinhar coisas que ela gosta, mas sempre com autorização e geralmente não fazendo isso junto dela, quando entende que esta não deseja companhia.

Integrando o que é discutido nas categorias, pode-se alinhar com o que é apresentado teoricamente acerca da variedade de fatores envolvidos na elaboração de um luto. Estudos de [Klein](#) (1940/1996) apresentam, ainda, que a resolução da perda do seio da mãe possibilitará ao indivíduo a habilidade de recuperar-se de um luto posterior, visto que a perda de uma pessoa amada ativa novamente a posição depressiva infantil. Para a autora, o luto não envolve apenas a perda de um objeto bom externo, mas também provoca no inconsciente a sensação de perda de um objeto bom interno. A dor envolvida na perda da pessoa amada é expandida pelas fantasias inconscientes do indivíduo, que passa a compreender os objetos internos “maus” como dominantes.

Ressalta-se, também, a influência do tabu que é falar sobre a morte em nossa sociedade, distanciando relações, considerando que o processo é muito individual, cada vez mais velado. Por outro lado, a antecipação de uma perda pode auxiliar em sua elaboração, reaproximando ou fortalecendo vínculos, permitindo resolver pendências ou objetivos, tanto para quem fica quanto para a pessoa que irá morrer. Assim, o benefício – ou não – de um luto antecipatório não será o mesmo para todas as pessoas.

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo identificar possíveis implicações em um luto antecipatório, frente às diferentes percepções das pessoas acerca da morte. A partir dos dados apresentados, compreende-se a gama de variáveis envolvidas na elaboração de um luto, considerando características pessoais, vínculo existente, meio em que está inserido e influência do estabelecimento, ou não, de crenças etc. Da mesma forma, o luto antecipatório propicia diferentes reações frente à aproximação da morte, acarretando em implicações benéficas ou dificultadoras para a elaboração dessa perda.

Com isso, é possível pensar na forma como o luto é percebido pela sociedade ocidental atualmente, tornando proibitivas as expressões de sentimento, à medida que não é fornecido tempo para reorganizar-se frente a uma perda. Nesse sentido, o luto antecipatório pode auxiliar na resolução de pendências e facilitar o processo de aceitação da morte. Por outro lado, a indeterminação do tempo em que ocorrerá a perda pode gerar um afastamento emocional com a pessoa que irá morrer, privando-os de tais resoluções. Assim, sabe-se que as crenças e rituais também estão diretamente associadas à forma com que se efetuará a elaboração de uma perda, geralmente servindo como facilitadores. Entretanto, os rituais vêm sendo realizados cada vez menos, com menor duração, não permitindo que seja fornecido esse suporte para o enlutado.

A partir do que é apresentado nas categorias e discutido acerca delas, identifica-se diferentes reações

diante da aproximação da morte de uma jovem que é amiga, filha e namorada. Em cada um emerge uma variedade de sentimentos, desde uma aproximação invasiva, até o extremo oposto, com o distanciamento pela dificuldade de aceitação dessa perda. Para aquele que irá morrer, também há diferentes momentos durante a preparação para a própria morte e, por isso, como tentativa de poupá-la de mais sofrimento, muitas vezes tem sua presença desconsiderada. Assim, é relevante que cada vez mais se discuta sobre o tema, favorecendo a expressão de sentimentos e permitindo que a pessoa que vai partir também seja percebida como importante para cada decisão tomada.

Considera-se, até mesmo, a tradução do título do artefato utilizado, evidenciando a forma com que os assuntos sobre morte e luto são velados. *A little bit of heaven* de forma literal, diz respeito a um pequeno pedaço do céu, enquanto é traduzido para o cinema brasileiro como *Pronta para amar*, remetendo a uma romantização do que, de fato, é apresentado no filme. Apesar de envolver o romance da protagonista, o filme tem muito mais relação com a interrupção da vida de uma jovem adulta, no auge de sua carreira e independência, pelo seu processo de adoecimento e morte. Por fim, então, sugere-se que estudos continuem sendo realizados nessa área, que é multidisciplinar, reiterando a importância do tema e suas possíveis implicações, do ponto de vista psicológico.

Contribuições dos autores

Cemin, T. M. e Einsfeld, P. participaram da concepção da pergunta de pesquisa, delineamento metodológico, busca e análise dos dados da pesquisa, interpretação dos resultados, redação do artigo científico e aprovação da versão final.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

Indexadores

A Revista Psicologia, Diversidade e Saúde é indexada no [EBSCO](#), [DOAJ](#) e [LILACS](#).

EBSCO 

LILACS 

Referências

- Fernandes, M. A., Costa, S. F. G., Morais, G. S. N., Duarte, M. C., Zaccara, A. A. L., & Batista, P. S. S. (2016). Cuidados paliativos e luto: um estudo bibliométrico. *Escola Anna Nery*, 20(4) 1-9. <https://www.scielo.br/ean/a/dj39JjfPjzpmJfjFZXd7Lzb/abstract/?lang=pt>
- Freitas, J. L. (2013). Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(1), 97-105. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v19n1/v19n1a13.pdf>
- Freud, S. (1974). Luto e Melancolia. In: S. Freud. *Obras completas de Sigmund Freud*. p. 275-293. (T. O. Brito, P. H. Britto & C. M. Oitica, Trans.). Imago Editora. (Obra originalmente publicada em 1917).
- Giacomin, K. C., Santos, W. J., & Firmo, J. O. A. (2013). O luto antecipado diante da consciência da finitude: a vida entre os medos de não dar conta, de dar trabalho e de morrer. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(9), 2487-2496. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900002>
- Kassel, N. (Diretora). (2011). *Pronta para amar* [filme]. Imagem Filmes.
- Klein, M. (1996). O luto e suas relações com os estados maníacos-depressivos. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. p. 385-412. (A. Cardoso, Trad.) Imago Editora. (Obra originalmente publicada em 1940)
- Kovács, M. J. (1992). *Luto e desenvolvimento humano*. Casa do Psicólogo.
- Kübler-Ross, E. (1998). *Sobre a morte e o morrer* (P. Menezes, Trad.). Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1969).
- Langdon, E. J & Wiik, F. B. (2010). Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 18(3), 174-181. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692010000300023>
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. (H. Monteiro & F. Settineri, Trans.) Artmed.
- Parkes, C. M. (2009). *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*. (M. H. P. Franco, Trad.). Summus.
- Rando, T. A. (1993). *Treatment of complicated mourning [Tratamento do luto complicado]*. Champaign: Research press company
- Rente, M. A. M. & Merhy, E. E. (2020). Luto e não-violência em tempos de pandemia: precariedade, saúde mental e modos outros de viver. *Psicologia & Sociedade*, 32, e020007. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240329>
- Rodriguez, M. I. F. (2014). Um olhar para a despedida: um estudo do luto antecipatório e sua implicação no luto pós-morte [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUCPS. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15342>
- Santos, R. C. S., Yamamoto, Y. M. & Custódio, L. M. G. (2017). Aspectos teóricos sobre o processo de luto e a vivência do luto antecipatório. *Psicologia.pt: o portal dos psicólogos*. <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1161.pdf>
- Worden, J. W. (2013). *Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais da saúde mental* (A. Zilberman, L., Bertuzzi & S. Smidt, Trans.). 4ed. Roca.